

LAROYÊ EXU: A FESTA DE EXU NO INSTITUTO AFRODESCENDENTE TUCAM

THIAGO GUIMARÃES AZEVEDO¹

Este ensaio visual apresenta um pouco da festividade da entidade Exu Caveira realizada no Instituto Afrodescendente TUCAM que atua no bairro do Icuí na cidade de Ananindeua no estado do Pará, desde setembro de 2004. Grupo ligado à Umbanda brasileira e que tem como característica, seu zelador, Pai Wellington de Oxalá é um ex-pastor preto da igreja quadrangular que passou a liderar o grupo e que segundo a hierarquia da Umbanda é filho espiritual de pai Carlos de Oxóssi, que é filho da mãe Lúcia de Iansã.

Pai Wellington de Oxalá fala que a sigla TUCAM significa Templo de Umbanda Cabocla Mariana, pois este espaço é uma miscigenação, ou seja, é uma Umbanda Cruzada, quando dois tipos ou mais variações de Umbanda são agregados em seu caminho cosmológico. Nesse caso, o instituto agrega a Umbanda com a Mina Maranhense, pelo fato do Pai Wellington vir dessa região.

Exu é visto como uma entidade de fronteira na Umbanda, visto que atua como um tipo de mensageiro, não sendo considerado uma entidade boa ou má (KATRIB, 2017), mas que está em constante trânsito, purificando e carregando consigo as energias negativas. Dessa forma, a estética em sua festividade possui uma aura mais densa e mais soturna, buscando por tonalidades mais voltadas ao preto e ao vermelho, com uso de velas e tridentes, seus médiuns quando o recebem, alteram o tom de suas vozes, assumindo um aspecto mais gutural, o clima no terreiro muda, através da iluminação das velas. Essa mudança cria um tipo de espaço Heterotópico (FOUCAULT, 1996), pois há uma transformação do lugar, assumindo uma aura que diferencia do espaço profano.

Na cultura africana, exu é a representação do vigor, da energia em movimento constante. Na religiosidade afro-brasileira, são os “senhores” que atuam no mistério da criação. São eles quem lida com as energias, abrem caminhos, combatem o mal e transitam pela dualidade astral, manipulando, com mais propriedade, as forças negativas, reabrindo os caminhos daqueles que evocam suas forças. (KATRIB, 2017, p. 102)

Essa estética causa estranhamento na percepção comum e que leva ao preconceito com as religiões de matriz africanas, principalmente com os Exus, que são tidos como personagens “demoníacos²”. Isso se dá por conta da imagem que lhe é atribuída e também pela estrutura de cores que de acordo com a leitura cristã ocidental é atribuído a um espectro de negatividade.

¹ Doutorado em Artes pelo PPGARTES/UFPA; professor Pesquisador do PPGCR/UEPA; professor do curso de Bacharelado em Design/UEPA eFotógrafo
thiago.azevedo@uepa.br
<http://lattes.cnpq.br/1449970976174710>

² Dentro de uma leitura cristã ocidental

"Laroyê" é uma expressão utilizada nas religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé, para saudar e reverenciar a entidade Exu. A saudação "Laroyê" é uma forma de reconhecer a importância de Exu na Umbanda e de pedir sua ajuda e proteção. É um gesto de fé e devoção que demonstra a conexão entre os seres humanos e o mundo espiritual. A palavra "Laroyê" tem origem na língua iorubá, falada em partes da Nigéria e em países como o Togo e o Benim. Em iorubá, "Laroyê" pode ser traduzida como:

"Salve Exu!"

"Seja bem-vindo, Exu!"

"Olhe por mim, Exu!"

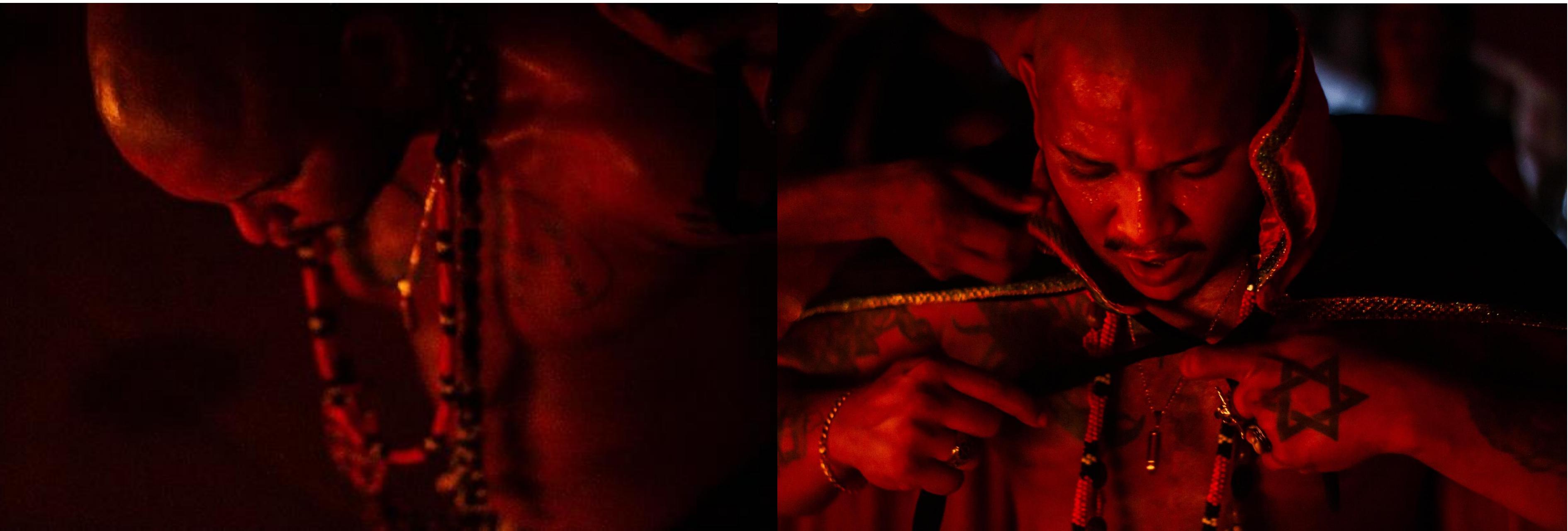
O presente ensaio fotográfico ocorreu durante a festividade de seu Exu no Instituto Afrodescendente TUCAM que ocorreu no ano de 2024. Como processo metodológico, foi desenvolvida observação direta, tanto da celebração, quanto de conversas informais que ocorriam durante os preparativos. Falas que davam testemunhos da experiência da relação de Exu como guia protetor de pessoas perdidas. Essa vivência foi possível através da abertura que obtive por meio da relação entre antropologia e fotografia (ANDRADE, 2002).

Essa foi a terceira festividade que documentei no Instituto, dessa forma, a partir das relações que estabeleci, pude desenvolver atividades com maior performance. As imagens buscam apresentar alguns aspectos relacionados à festividade como preparos iniciais e a celebração em si ressaltando a estética da celebração







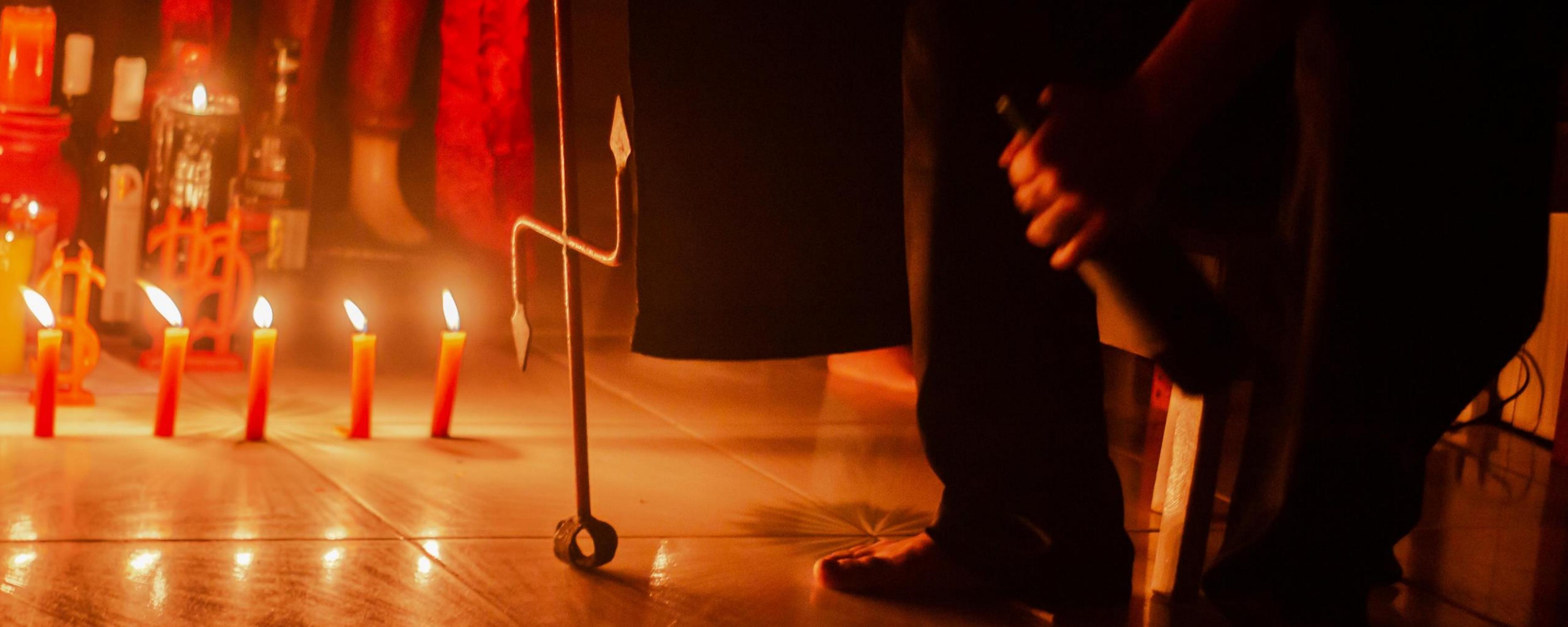




















REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora/dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2022

FOUCAULT, Michel. Espaços outros. In: **Ditos e Escritos**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Nas encruzilhadas do humano: A figura de Exu na Umbanda. // **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano X, n. 28. p. 97-111.

Recebido em: 04 de junho de 2024.
Aprovado em: 05 de setembro de 2024.
Revista Mundaú, n 16 , 2024, p.359 -374.